

A CARTA VII.4 DE PLÍNIO, O JOVEM: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS

Renato Cardoso Corgosinho¹

Resumo: Plínio, o Jovem, nos é conhecido sobretudo por duas obras supérstites: o *Epistolário* e o *Panegírico a Trajano*. A carta VII.4 é, entretanto, um testemunho valioso de que o autor também fez incursões pela poesia – algumas desprezíveis, outras com vistas à publicação –, das quais nada ou quase nada restou. Propomos aqui uma tradução da referida carta, com análise e contextualização.

Palavras-chave: literatura latina; epistolografia; retórica antiga; poesia latina; Plínio, o Jovem.

Abstract: Pliny the Younger is known above all by two remaining works: the set of letters and the *Panegyric of the Emperor Trajan*. The letter VII.4 is, however, a valuable testimony that the author also made forays into poetry - some unpretentious, others with a view to publication - of which nothing or almost nothing remains. We propose here a translation of that letter, with analysis and contextualization.

Keywords: Latin literature; epistolography; ancient rhetoric; Latin poetry; Pliny the Younger.

1. Introdução

Plínio, o Jovem,² foi um dos ilustres frequentadores da renomada escola de retórica que Quintiliano mantinha em Roma (fundada por volta de 70 d.C.), tendo recebido ali formação por certo sólida, que se nos revela por meio de investigações criteriosas de sua biografia e epistolário. Assim sendo, os saberes e a preparação que adquirira no campo da eloquência estavam ancorados no denso e especializado currículo de estudos desenvolvido por seu mestre,³ cuja pedagogia podemos vislumbrar integralmente na monumental *Instituição Oratória* (*Institutio Oratoria*),⁴ manual (ou tratado) teórico e prático para a educação de jovens (dos 15 aos 20 anos) oriundos da abastada aristocracia romana e candidatos a oradores. Quintiliano, por sua vez, forjara os ditames de seu sistema pedagógico emulando, com grande carga de inovação, todavia, a

¹ Doutor em Letras, Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Programa de Pós Graduação em Letras); Mestre em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos); Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Programa de Especialização de Professores de Ensino Superior); Bacharel em Letras (Habilitação em Língua Latina) pela Universidade Federal de Minas Gerais.

² **Plínio, o Jovem** (lat. *Caius Plinius Caecilius Secundus*): Escritor latino (nasceu em Como, norte da Itália, em 61 ou 62 d. C., durante o reinado de Nero; morreu por volta de 112 ou 113 d. C.), filho de Lúcio Cecílio Cilão e de Plínia, irmã de Plínio, o Velho, tendo sido adotado por este após a morte do pai. Foi discípulo de Quintiliano, amigo de filósofos, como Eufrates e Musônio Rufo, e de historiadores, como Tácito e Suetônio. Advogado, tribuno militar na Síria; cônsul no ano 100, durante o governo de Trajano; legado imperial na Bitúnia em 111 e 112. Escreveu diversas obras, mas nos restam apenas o *Epistolário* em dez livros e o *Panegírico a Trajano*. Plínio é o típico representante do diletantismo poético e literário de seu tempo; de gênio versátil e cultura sólida, literato de estilo, mas frequentemente artificioso. Passava facilmente de um gênero literário a outro; gostava de alternar a prática forense com os ócios poéticos. Tendo vivido em meio à sociedade civil de seu tempo, retratou nas cartas tanto os costumes, quanto os hábitos daquela sociedade em todas as suas nuances. Nesse sentido, o epistolário pliniano comporta não só valor literário, mas também histórico e psicológico.

³ Cf. *Ep.* II.14, 9, em que Plínio afirma ter sido discípulo de Quintiliano.

⁴ Todos os trechos da *Instituição Oratória* de Quintiliano citados ao longo deste trabalho foram traduzidos pelo professor Bruno Fregni Basseto.

obra retórica de Cícero, a quem coube, no século I a.C., a primazia de estruturar e sistematizar uma verdadeira *scientia bene dicendi*⁵ em terras do Lácio.⁶ Destacamos assim a díade fundamental de retores que direta e indiretamente influenciou não apenas a carreira pública de Plínio, mas também seus escritos.⁷

O epistolário privado de Plínio compreende 247 cartas,⁸ distribuídas em IX livros, abarcando um período temporal cujo ponto de partida seria o ano 96/97, encerrando-se por volta do ano 108. A composição e a publicação de cada livro obedeceriam a cronologias específicas não necessariamente sucessivas (SHERWIN-WHITE, 1969),⁹ deduzidas (uma vez que não se encontram referências contundentes a datas no epistolário) pela análise criteriosa das informações e dados veiculados por Plínio nas cartas que nos legou, e que são relativos a conjunturas e contextos próprios decorrentes de suas atividades públicas e privadas (por exemplo, os três anos que sucederam sua eleição para o consulado em 100 d.C., ou sua saída de Roma para assumir o múnus imperial de governador da província da Bitínia, em 108 d.C.).

Há uma enorme variedade temática (*varietas*) nas cartas particulares de Plínio (vida pública e familiar, atividades políticas e oratórias, disputas de poder, costumes, negócios, historiografia, campo vs. cidade, anedotas, presságios, literatura, etc.), faltarlhes-ia em seu conjunto, entretanto, o grau de espontaneidade que se espera de cartas dirigidas a amigos ou parentes (SHERWIN-WHITE, 1969), ou seja, o tom confessional, o imediatismo factual, o fugaz das situações cotidianas, o sentimento genuíno de ódio ou afeição, a linguagem coloquial etc., que podem ser entrevistados, por exemplo, nas cartas de Cícero a seus familiares.

Além da ausência de espontaneidade, outros aspectos presentes nas epístolas de Plínio podem ser indícios de que ele não as escreveu com o intuito precípua (ou exclusivo) de enviá-las a seus destinatários, mas sim de publicá-las, o que não exclui em absoluto a possibilidade de que as tenha remetido em algum momento. Isso significa que ainda que o processo de composição e envio das cartas tenha se completado, Plínio sempre teria cogitado sua posterior publicação. Vê-se, desse modo, na referida ausência de datas, bem

⁵ O princípio que subjaz ao estabelecimento e desenvolvimento da ciência oratória em Roma é o do *uir bonus dicendi peritus* (atribuído a Catão), segundo o qual o orador perfeito não é aquele que apenas domina a arte de falar, mas é imprescindível que também comporte virtudes morais consoante ao papel que lhe cabe de agente norteador dos rumos da sociedade em que vive. (Cf. CÍCERO, *De oratore*, II.8-9).

⁶ Para Quintiliano, Cícero conseguira atingir na *ars bene dicendi* patamar apenas comparável ao dos próprios gregos, de forma que ele deveria ser sempre e sem ressalvas o grande paradigma a ser seguido por quem estuda e pratica a eloquência: “Na verdade, os oradores e particularmente a eloquência latina podem ombrear-se com os autores ou com a oratória dos gregos. Sob esse aspecto, eu confrontaria Cícero com qualquer um deles. [...] Destarte, merecidamente foi dito pelos homens de seu tempo que ele reinava nos tribunais, e entre os pósteros de fato se fixou que Cícero não designasse apenas o nome de um homem, mas o fosse da própria oratória. Por isso, fixemos nele nossos olhos, que ele se torne nosso modelo; e quem quer que seja seu fiel admirador saiba que com isso já fez bastante progresso.” (*Inst.* X.1, 105, 112) (*Oratores vero vel praecipue Latinam eloquentiam parem facere Graecae possint. Nam Ciceronem cuicumque eorum fortiter opposuerim. [...] Quare non immerito ab hominibus aetatis suae regnare in iudiciis dictus est, apud posteros vero id consecutus, ut Cicero iam non hominis nomen, sed eloquentiae habeatur. Hunc itur spectemus, hoc propositum nobis sit exemplum, ille se profecisse sciat, cui Cicero valde placebit.*)

⁷ Na carta VII.9, por exemplo, Plínio elenca uma série sintetizada (e sistematizada) de exercícios que considera imprescindíveis para que seu interlocutor/destinatário, Fusco, desenvolva ou aprofunde habilidades oratórias, principalmente as relativas a leitura e escrita. Whitton (2019) considera essa carta uma espécie de *Instituição Oratória* resumida. Nela a referência à obra do mestre Quintiliano é evidente e, portanto, seu caráter emulativo torna-se uma de suas mais destacadas características.

⁸ Todos os excertos das cartas de Plínio citados ao longo deste trabalho foram por nós traduzidos.

⁹ Para Mommsen (1873), haveria uma ordem cronológica entre os livros, mas não entre as cartas de cada livro.

como de subscrições e de pedidos de resposta, e no número significativo de destinatários (perto de 105), uma patente artificialidade de composição, o que reforçaria, para boa parte dos críticos, a ideia de que Plínio destinara suas epístolas, desde a concepção, a serem publicadas (GÓMEZ, 1997).¹⁰

2. Poesia e oratória

Já explanamos algo sobre a tradição retórica a que Plínio se filia reconhecendo a ascendência inquestionável de Cícero e Quintiliano sobre sua formação e escritos. A carta VII.4, objeto de nosso trabalho, é uma das várias em que Plínio discorre sobre poesia e o fazer poético, lançando luz sobre suas próprias experiências de composição literária.¹¹ Deve-se considerar que tal atividade era admitida como subsídio relevante para a práxis oratória.

Quintiliano preconiza que o orador deve se dedicar à poesia como forma eficaz de amenizar os rigores dos embates forenses, flexibilizar e fortalecer a mente embotada por ideias pré-concebidas, restaurar as energias que se tenham fragmentado. Seria uma espécie de “regime alimentar da arte oratória” (*sagina dicendi*), “assim como os atletas que, deixando de lado, por certos períodos, a abstenção de determinados alimentos e dos treinos, se refazem com o lazer e iguarias saborosas.”¹² (*Inst.* X.5, 15). Não seria outra razão por que Cícero conseguira conferir grande brilho à eloquência: ele também havia recorrido a tais recessos durante seus estudos (X.5,16). A grande utilidade da leitura dos poetas, com efeito, estaria em que “procuram-se neles o espírito existente nos assuntos e a sublimidade nas palavras, toda a agitação nas emoções e a nobreza nas pessoas, enquanto a disposição de espírito, como que ralada pela cotidiana atividade forense, é refeita magnificamente pelo encanto de tais coisas.”¹³ (X.I, 27).

Não se recomenda, todavia, seguir à risca os poetas, nem no uso livre que fazem das palavras (*libertate verborum*) nem no excesso de figuras (*licentia figurarum*) com que costumam florear seus poemas, caso contrário, o orador pecaria por ostentação (X.I, 28). Para Quintiliano, portanto, não se pode olvidar que o único intuito para o exercício da poesia deve ser o deleite que ela pode proporcionar.

O entendimento profundamente pragmático do mestre de Plínio no tocante aos benefícios da poesia para a práxis do orador alicerça-se em grande parte no *Pro Archia* de Cícero, verdadeiro encômio a esse gênero literário (WHITTON, 2019). Nesse discurso, em que faz veemente defesa do poeta grego Árquias, Cícero revela não apenas

¹⁰ Lilja (1969, p. 77) contrapõe-se ao entendimento majoritário de que as epístolas de Plínio não seriam reais, mas composições destinadas exclusivamente à publicação. Seus argumentos se sustentam na constatação de que o missivista não menciona no epistolário a ocorrência de seções públicas de recitação das cartas (o que normalmente ocorria em relação às obras que pretendia dar a lume, a fim de submetê-las à apreciação prévia da audiência), de revisões (sozinho ou com a colaboração de amigos) do material escrito, além disso, não relata qual teria sido a acolhida que os primeiros livros de cartas publicados tiveram entre os leitores, uma vez que os nove livros do conjunto não foram lançados concomitantemente.

¹¹ Na epístola IV.14, a título de exemplo, ele descreve as características de um livro de hendecassílabos que escrevera, demandando ao destinatário, que seria seu primeiro leitor, um julgamento isento sobre as qualidades e defeitos da obra. Na carta VIII.21, por sua vez, Plínio discorre sobre as circunstâncias que considera mais propícias para desenvolver sua escrita poética, além do hábito de submeter seus poemas a leituras públicas com o concurso de amigos.

¹² *sicut athletae, remissa quibusdam temporibus ciborum atque exercitationum certa necessitate, otio et iucundioribus epulis reficiuntur.*

¹³ *ab his in rebus spiritus et in verbis sublimitas et in adfectibus motus omnis et in personis decor petitur, praecipueque velut atrita cotidiano actu forensi ingenia optime rerum talium blanditia reparantur.*

pragmatismo (e/ou utilitarismo¹⁴), esperados de um causídico, retor e político com a faceta do arpinate, como também uma visão profundamente apaixonada em relação à poesia, simbolizada pelo próprio Árquias.¹⁵ Entende que o orador poderá extrair do estudo das letras boa parte da matéria prima para seus discursos, suscitados pela grande variedade de questões e causas com que tem de lidar. Ademais, essa prática será sempre um alento ou um relaxamento para as tensões cotidianas (VI.12).

A proximidade incontestável entre as visões de Cícero e de Quintiliano em relação ao exercício da poesia como recurso útil para a práxis do orador reverberará necessariamente em Plínio. Na carta V.3, 5, para justificar e balizar seu interesse por esse gênero literário, ele fornece um elenco de oradores que o teriam incluído em suas atividades cotidianas como forma de recreação. Dentre eles, o próprio Cícero, já mencionado por Quintiliano, além de Gaio Calvo (poeta neotérico), Asínio Polião (cf. nota 27), Marco Messala (fundador de importante círculo literário em Roma do qual faziam parte autores como Tibulo e Ligdamo), Marco Bruto (o cesaricida), Varrão, Sêneca, Júlio César e Augusto. Dever-se-ia assim, de acordo com nosso missivista, mesclar as preocupações e afazeres incontornáveis decorrentes das atividades públicas e privadas com instantes de desafogo, relaxamento e deleite através do fazer poético. O objetivo precípua, na esteira de Cícero e Quintiliano, seria dar pausa ao ritmo desenfreado das obrigações diárias, mas decorreria acessoriamente desse exercício, além do incremento da escrita em prosa, também o do estilo.

Por isso que os maiores oradores, os maiores homens assim se exercitavam ou se deleitavam, ou melhor, se deleitavam e se exercitavam. De fato, é surpreendente como o espírito se expande e repousa com esses breves escritos. Eles incorporam os amores, os ódios, as cóleras, a compaixão, os gracejos, em suma, tudo que se encontra (habitualmente) na vida, e também no foro e nas causas. Além disso, apresentam a mesma vantagem que os outros poemas porque, depois de submetidos às exigências métricas, regozijamo-nos com as liberdades da prosa e com maior prazer escrevemos aquilo que a comparação nos mostra ser mais fácil.¹⁶

A carta VII.4, que traduzimos e comentamos, é uma dentre várias em que Plínio explana algum aspecto ou circunstância de suas investidas como poeta. Para além da compreensão de que o estudo e a prática da poesia pode propiciar ao orador alento para as agruras cotidianas e, paralelamente, o aperfeiçoamento do estilo e do discurso, o missivista demonstra em cartas como essa, assim o veremos, que não titubeava em propalar suas pretensões e vaidades literárias, algumas vezes veladamente, outras de maneira explícita.

¹⁴ Cícero recrimina com veemência quem se dedica às letras sem reverter à sociedade as vantagens que delas tenha obtido: “Envergonhem-se esses outros que de tal modo se embrenharam nos estudos literários que não podem extrair deles nada para proveito geral nem dar a público o que quer que seja.” (Arch. VI.12, tradução nossa) (*ceteros pudeat si qui se litteris abdiderunt, ut nihil possint ex his neque ad communem adferre fructum neque in aspectum lucemque proferre.*)

¹⁵ “Perguntarás, Grátio, por que nos encantamos tanto com este homem. Porque ele nos fornece [o remanso] onde se refaz o espírito e descansam os ouvidos esgotados pelo estrépito e a balbúrdia do foro.” (Arch. VI.12, tradução nossa) (*Quaeres a nobis, Gratti, cur tanto opere hoc homine delectemur; quia suppeditat nobis ubi et animus ex hoc forensi strepitu reficiatur et aures conuicio defessae conquiescant.*)

¹⁶ *Itaque summi oratores, summi etiam uiri sic se aut exercebant aut delectabant, immo delectabant exercebantque, nam mirum est ut his opusculis animus intendatur, remittatur. Recipiunt enim amores, odia, iras, misericordiam, urbanitatem, omnia denique quae in uita atque etiam in foro causisque uersantur. Inest his quoque eadem quae aliis carminibus utilitas, quod metri necessitate deuincti soluta oratione laetamur et quod facilius esse comparatio ostendit, libentius scribimus.* (VII.9, 12-14)

3. Texto latino¹⁷

C. Plinius Pontio suo s.

1 Ais legisse te hendecasyllabos meos; requiris etiam quem ad modum coeperim scribere, homo, ut tibi uideor, seuerus, ut ipse fator, non ineptus.

2 Numquam a poetice (altius enim repetam) alienus fui; quin etiam quattuordecim natus annos Graecam tragoediam scripsi. Qualem? inquis. Nescio; tragoedia uocabatur. 3 Mox, cum e militia rediens in Icaria insula uentis detinerer, Latinos elegos in illud ipsum mare ipsamque insulam feci. Expertus sum me aliquando et heroo, hendecasyllabis nunc primum, quorum hic natalis, haec causa est. Legebantur in Laurentino mihi libri Asini Galli de comparatione patris et Ciceronis. Incidit epigramma Ciceronis in Tironem suum. 4 Dein, cum meridie (erat enim aestas) dormiturus me recepissem nec obreperet somnus, coepi reputare maximos oratores hoc studii genus et in oblectationibus habuisse et in laude posuisse. 5 Intendi animum contraque opinionem meam post longam desuetudinem perquam exiguo temporis momento id ipsum quod me ad scribendum sollicitauerat his uersibus exarauit:

6 Cum libros Galli legerem, quibus ille parenti
ausus de Cicerone dare est palmamque decusque,
lasciuum inueni lusum Ciceronis et illo
spectandum ingenio, quo seria condidit et quo
humanis salibus multo uarioque lepore
magnum ostendit mentes gaudere virorum.
Nam queritur quod fraude mala frustratus amantem
paucula cenato sibi debita sauia Tiro
tempore nocturno subtraxerit. His ego lectis:
cur post haec, inquam, nostros celamus amores
nullumque in medium timidi damus atque fatemur
Tironisque dolos, Tironis nosse fugaces
blanditias et furta nouas addentia flammis?'

7 Transii ad elegos, hos quoque non minus celeriter explicui; addidi alios facilitate corruptus. Deinde in urbem reuersus sodalibus legi; probauerunt. 8 Inde plura metra, si quid otii ac maxime in itinere, temptaui. Postremo placuit exemplo multorum unum separatim hendecasyllaborum uolumen absoluere, nec paenitet; 9 legitur describitur cantatur etiam et a Graecis quoque, quos Latine huius libelli amor docuit, nunc cithara, nunc lyra personatur.

10 Sed quid ego tam gloriose? Quamquam poetis furere concessum est. Et tamen non de meo, sed de aliorum iudicio loquor; qui siue iudicant siue errant, me delectat. Vnum precor, ut posteri quoque aut errent similiter aut iudicent. Vale.

¹⁷ Utilizamos o texto latino editado pela *Les Belles Lettres* (2003).

4. Tradução

Saudações, meu caro Pôncio.¹⁸

1 Dizes que leste meus hendecassílabos;¹⁹ queres saber também como comecei a escrevê-los, sendo eu, como julgas, um homem austero e, assim o admito, nada tolo.²⁰

2 Nunca fui (remontarei ao início) alheio à poesia,²¹ e o que é mais: escrevi uma tragédia grega aos quatorze anos. “Qual?” – perguntas. Não sei. Eu a chamava tragédia.

3 Algum tempo depois, retornando do serviço militar,²² enquanto me encontrava retido pelos ventos na ilha de Icária,²³ compus versos elegíacos em latim a respeito daquele mesmo mar e daquela mesma ilha. Experimentei, algumas vezes, também o verso

¹⁸ Pôncio Alifano (*Pontius Allifanus*) é destinatário de outras duas cartas de Plínio (V.14 e VI.28). O gentílico *Pontius* aparece em todos os manuscritos que serviram de base para a fixação dos textos das três cartas, o cognome *Allifanus*, contudo, apenas em um, o chamado *codex Beluacensis – B* [R] (Ashburnham R 98 [97]). Fundamentando-se na fragilidade concernente à tradição desse cognome, bem como em análises paleográficas e epigráficas, Lambrechts (1936) propõe o nome *Pontius Laelianus* em substituição a *Pontius Allifanus*. Constituem-se as epístolas V.14, VI.28 e VII.4 na única fonte disponível para que se possa depreender o pouco que sabemos sobre Pôncio. Com efeito, ele e Plínio teriam compartilhado algum nível de relação com Cornuto Tertulo (*Cornutus Tertullus*) (V.14), que havia sido procônsul da Gália Narbonense, além de colega de Plínio na prefeitura do erário e no consulado. Residindo provavelmente em Roma, teria propriedades na Campânia, ou ali desempenharia funções (V.14, VI.28). Por fim, assim como Plínio, interessava-se por literatura (VII.4).

¹⁹ Por certo são os hendecassílabos constantes do volume de versos a que Plínio faz referência na carta IV.14 (cf. notas 11 e 21).

²⁰ A estranheza de Pôncio em relação à faceta literária de seu interlocutor seria indício de que ele não pertencia, pelo menos à época de composição da carta, ao círculo íntimo de amigos de nosso missivista. De forma que a fama de austero atribuída a Plínio deve ter-se originado de suas atividades como homem público, não na esfera privada. É por isso que suas “despretensiosas” incursões poéticas (cf. notas 21, 30 e 33) – e costumes menos rígidos que o normalmente esperado –, teriam causado certa espécie quando revelados a pessoas que não compartilhavam de sua intimidade (cf. carta V.3). A estas Plínio responderá: “Vez ou outra, admito-o, faço versinhos pouco sérios (*parum severos*), assim como ouço comédias, assisto a mimos, leio os líricos e aprecio os versos sotádicos; ademais, algumas vezes rio, brinco, divirto-me, e a fim de abarcar em uma única frase todos os gêneros de distração inocente, sou um homem.” (*Facio non nunquam uersiculos seueros parum, facio, nam et comoedias audio et specto mimos et lyricos lego et Sotadicos intellego; aliquando praeterea rideo, iocor, ludo, utque omnia innoxiae remissionis genera breuiter amplectar, homo sum.*) (V.3, 2)

²¹ Ao longo de seu epistolário, Plínio tem por hábito abordar questões literárias com seus interlocutores, ganhando especial relevo o labor poético; além disso, a autopromoção que faz como “despretensioso” fazedor de versos, dentre os quais hendecassílabos falécios (comuns em autores como Catulo e Marcial), torna-se a tônica dominante em boa parte das cartas (v.g. IV.14, IV.27, V.3, VII.4, VII.9, VIII.21). A título de exemplo, Plínio dirá a um certo Paterno (IV.14, 1-4) que os “divertimentos” (*lusus*) que compôs para passar agradavelmente o tempo (*otium temporis*) – durante as viagens em carruagem (*in vehiculo*), na sala de banhos (*in balineo*) ou nos jantares (*inter cenam*) –, são como mercadoria estrangeira e refinada (*quasi ex aliqua peregrina delicataque merce*). No entanto, esse *gloriar* literário inicial – que se estende inequivocamente pela missiva, nas referências que se faz seja à variedade temática dos hendecassílabos, seja ao equilíbrio quantitativo entre poemas curtos e longos, ou entre os menos e mais elevados (características que teriam, segundo o autor, o condão de atrair uma grande diversidade de leitores) –, fará mescla com momentos de *pudor*, obviamente retórico, em relação à repercussão e ao valor dos versos. Não é à toa que Plínio os denomina, com ar depreciativo, “divertimentos” (*lusus*), como já apontamos, e ainda “poeminhas” (*poematia*), “bobagens” (*ineptiae*) ou “ninharias” (*nugae*). Ele confiou a Paterno, estimado por seu juízo e erudição, a primeira leitura do volume de hendecassílabos, pedindo-lhe sinceridade absoluta quanto às impressões que viesse a ter sobre a obra. (*A simplicitate tua peto quod de libelo meo dicturus es alii mihi dicas*) (IV.14, 9-10).

²² Cf. carta I.10, 2.

²³ Ilha grega situada no mar Egeu, entre Samos e o grupo central das Cíclades. O nome deriva de Ícaro, que, segundo o mito, havia caído – após derreterem-se suas asas de cera –, no mar próximo às costas da ilha.

heroico;²⁴ mas quanto aos hendecassílabos,²⁵ essa é a primeira vez. Mostro a seguir como e por que nasceram. Liam-se-me na vila laurentina²⁶ alguns escritos de Asínio Galo²⁷ em que ele compara o próprio pai a Cícero.²⁸ Surgiu-me um epigrama de Cícero sobre seu escravo Tirão.²⁹ 4 Depois, perto do meio-dia (era verão), como eu já havia me retirado para dormir, e o sono não vinha, comecei a refletir sobre como os maiores oradores não só incluíram esse gênero de composição em suas recreações, mas também o utilizaram em seu próprio louvor.³⁰ 5 Concentrei-me nesse intento, e contra minhas expectativas, após longa inércia, tracei, em um curtíssimo espaço de tempo, com estes versos, aquilo mesmo que me estimulava a escrever:

6 Enquanto os livros de Galo lia, nos quais ao pai
ousou dar, tirando-as de Cícero, a palma e a glória,
encontrei de Túlio lascivo divertimento
digno de se admirar, o dom para coisas sérias
mostrou alegrarem-se também dos grandes as mentes
com humanas pilhérias, com graças várias e tantas.
Deplora que Tirão, farto já da ceia,³¹ com ardil
o amante frustrou, pois à noite se esquivou
dos beijos poucos que devia. Epigrama lido,

²⁴ Épica.

²⁵ O hendecassílabo falécio compõe-se de onze sílabas divididas em cinco pés: o primeiro contém duas sílabas *ancipites* (sílabas *anceps* é a que pode ser longa ou breve), o segundo um dátilo, o terceiro e o quarto um troqueu cada, o quinto uma sílaba longa e uma *anceps*.

²⁶ Plínio, na carta II.17, faz uma longa e pormenorizada descrição da vila. O orgulho eufórico de poder enaltecer ao destinatário (um certo Galo) a excelência estrutural e arquitetônica da propriedade, sua localização privilegiada, o cabedal de recursos que oferecia, enfim, todo o luxo que um romano da aristocracia rica poderia comprar traduz-se na conclusão da missiva: “Não te parece serem justas as razões para eu amar este retiro, e nele viver e residir? Se também não o desejas ardentemente é porque és demasiado urbano. E oxalá com afã o desejes, para que se acrescente a tantas qualidades de minha vilinha o enorme apreço de tua companhia.” (*Iustisne de causis iam eum tibi uideor incolere, inhabitare, diligere secessum? Quem tu nimis urbanus es nisi concupiscis. Atque utinam concupiscas! Vt tot tantisque dotibus uillulae nostrae maxima commendatio ex tuo contubernio accedat.*) (II.17, 29)

²⁷ *Asinius Gallus*: Filho de Asínio Polião (*Asinius Pollio*), o cônsul celebrado na quarta bucólica de Virgílio. Nasceu em 40 a.C.; foi cônsul em 8 a.C. e procônsul em 6/5 a.C. Casou-se com Vipsânia Agripina, depois que Tibério, futuro imperador, dela se divorciara. Por essa razão, tão logo assume o governo, Tibério ordena a prisão de Galo, que morre de fome, talvez deliberadamente, em 33 d.C., após três anos no cárcere. Orador como seu pai, Galo teria escrito *De comparatione patris et Ciceronis* (SUETÔNIO, *Divo Cláudio*, 41) no qual sustentava a superioridade do genitor em relação a Cícero.

²⁸ Cf. nota 27.

²⁹ Pighi (1945, p. 116) assevera que Cícero nunca escrevera versos licenciosos e que, portanto, seria falso o epigrama a Tirão. Outros epigramas foram ao longo do tempo atribuídos a Cícero, como este transcrito por Quintiliano: “Veto chama de fundo tudo o que pode a funda lançar:/se não tiver escapado pelo buraco na funda porém.” (*Fundum Vettus vocat, quem possit mittere funda:/Ni tamen exciderit, qua cava funda patet.*) (*Inst.* VIII.6, 73). Mas o que parece ser consenso atualmente é que os epigramas considerados ciceronianos são, na verdade, falsificações (cf. RUSCA in PLÍNIO, *Epistolario*, 2015, p. 533).

³⁰ Plínio nunca disfarçou suas pretensões literárias (cf. IV.14; VIII.21, 4-6) bem como a ânsia de bajulação e *fama* no que concerne a seus intentos poéticos (cf. V.3, 1; VII.4, 9-10), não obstante a aura retórica de falsa modéstia que exibia a seus interlocutores (cf. IV.14, 4, 6-10; V.3, 1, 3-5, 7-11; VIII.21, 4). Dessa forma entendia que esses “passatempos” versificados, se num primeiro momento objetivam a recreação do indivíduo, podem, a depender do empenho e das habilidades de composição de seu autor (que sempre devem ser exercitadas e aprimoradas), atingir níveis de qualidade literária equivalentes, ou até mesmo superiores, aos modelos que se busca emular. De maneira que, embora sejam chamados de “passatempos”, “alcançam algumas vezes uma glória não menor que a de coisas sérias.” (*non minorem interdum gloriam quam seria consequuntur*) (VII.9, 10).

³¹ Note-se a conotação sexual.

digo a mim: “Por que amores velamos
 e a torná-los públicos temerosos nos furtamos
 e não confessamos conhecer em nós de Tirão
 as artimanhas, de Tirão as fugazes carícias,
 e os amores ocultos que novas chamas avivam?”

7 Passei em seguida aos versos elegíacos: também estes desenvolvi com não menor rapidez; arrebatado pela facilidade, acrescentei outros. Depois, tendo já retornado a Roma, eu os li para amigos, que os apreciaram. 8 Desde então, experimentei muitos outros metros nos momentos de ócio e, sobretudo, em viagem. Por fim, a exemplo de muitos, agradou-me a ideia de compor separadamente um volume de hendecassílabos,³² e não me arrependo. 9 Ele é lido, copiado, cantado e ressoado, ora com a cítara, ora com a lira, até mesmo pelos gregos, aos quais o amor por este livrinho ensinou o latim.

10 Mas por que gloriar-me tanto? Embora tenha sido permitido aos poetas delirar. O julgamento a que me refiro, todavia, não é o meu, mas o dos outros.³³ Quer acertem, quer errem na avaliação, isso me compraz. Desejo apenas uma coisa: que os pósteros errem ou julguem da mesma forma.³⁴ Adeus.

³² Nenhuma das incursões literárias de Plínio referidas na carta, a saber, tragédia, elegia, épica e versos hendecassílabos, logrou chegar a nossos dias. a não ser alguns poematos de sua autoria encontrados ao longo do epistolário. São exemplos o hexâmetro da presente epístola e os versos da VII.9. Nesta, como já apontamos (cf. nota 6), Plínio aconselha seu destinatário, Fusco, sobre o que (e como) estudar durante os recessos do foro com vistas ao incremento das aptidões oratórias. Dentre os exercícios recomendados estaria a composição de poemas breves, não apenas como atividade de recreação e desafio das preocupações cotidianas, mas também como forma de ampliar o cabedal de saberes e habilidades dos quais o orador deveria lançar mão para o aperfeiçoamento de sua práxis: “Como é orgulho para a cera, mole e maleável, obedecer aos hábeis dedos e produzir a obra ordenada, e ora dar forma a Marte ou à casta Minerva, ora representar Vênus, ora o filho de Vênus; e como as fontes sagradas, que não detêm só incêndios, mas amiúde também auxiliam as flores e os prados vernais, assim convém que o engenho humano, com doura mobilidade, modele-se e guie-se por saberes flexíveis.” (*ut laus est cerae, mollis cedensque sequatur / si doctos digitos iussaue fiat opus / et nunc informet Martem castamue Mineruam, / nunc Venerem effingat, nunc Veneris puerum, / utque sacri fontes non sola incendia sistunt, / saepe etiam flores uernaue prata iuuant, / sic hominum ingenium flecti ducique per artes / non rigidas docta mobilitate decet.*) (VII.9, 11)

³³ É recorrente no epistolário que Plínio atribua a outros sujeitos (e não a si próprio) o elogio ou a opinião favorável que tenha recebido no tocante a ações, atitudes e posicionamentos aos quais suas obrigações públicas e privadas davam azo. Conforme Gibson (2003, p. 245), tal postura revela uma técnica com objetivo claro: havendo discordância ou ressalvas dos interlocutores em relação às motivações desse evidente *self-praise*, a reprovação deveria recair antes sobre os “bajuladores” do que sobre o próprio Plínio.

³⁴ O único testemunho que temos sobre a acolhida, supostamente positiva, que o livro de hendecassílabos de Plínio teria recebido após sua publicação é a do próprio autor na presente carta. Parece-nos óbvia aqui a ausência de qualquer traço de imparcialidade valorativa em relação às pretensas qualidades da obra, o que se vê, pelo contrário, é superdimensionamento, autopromoção, autoelogio, necessidade de fama (atente-se para a referência ao bizarro e desmedido interesse que os versos teriam despertado nos gregos, os quais, para desfrutá-los completamente, teriam se dado ao trabalho até mesmo de aprender latim). Cai por terra, por conseguinte, qualquer arroubo retórico de falsa modéstia que nosso autor tenha procurado transparecer em outras cartas (cf. notas 21, 30 e 32).

5. Referências

- CICERO. *De oratore*. Translated by E. W. Sutton. London: Harvard University Press, 1967.
- CICERONE, M. Tullio. *Le orazioni dal 69 al 59 a.C* (v. 2). A cura di Giovanni Bellardi. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1981.
- DOMINIK, William J. The development of Roman rhetoric. In: MACDONALD, Michael J. (ed.). *The Oxford handbook of rhetorical studies*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 159-171.
- GIBSON, Roy K. Pliny and the Art of (In)offensive Self-Praise. *Arethusa*, Baltimore, v. 36, n. 2, p. 235-254, spring, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1353/are.2003.0011>.
- GÓMEZ, Leonor Pérez. La epístola en Roma: Siglos II-IV. In: CODOÑER, Carmen (ed.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Catedra, 1997. p. 653-664.
- LAMBRECHTS, P. Notes sur le nom d'un ami de Pline le Jeune. *Revue belge de Philologie et d'Histoire*, Bruxelles, v. 15, n. 1, p. 125-127, 1936.
- MOMMSEN, Theodor. *Étude sur Pline le Jeune*. Traduit par C. Morel. Paris: Librairie A. Franck, 1873.
- PIGHI, Giovanni Battista. Vestricio Spurinna. *Aevum*, Milano, v. 19, n. 1/2, p. 114-141, Gennaio-Giugno, 1945.
- PLINE, Le Jeune. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- PLINIO, il Giovane. *Epistolario/Panegirico a Traiano*. 6. ed. Traduzione di Luigi Rusca. Milano: BUR, 2015.
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. 4 v.
- SAARA, Lilja. On the nature of Pliny's letters. *Arctos: Acta Filologica Fennica*, Helsinki, v. 6, p. 61-80, 1969.
- SUETONIO. *Vida de los doce Césares* (v. 2). Traducción de Rosa Maria Agudo Cubas. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- SHERWIN-WHITE, A. N. Pliny, the man and his letters. *Greece & Rome*, Cambridge, vol. 16, n. 1, p. 76-90, Apr. 1969.
- WHITTON, Christopher. *The Arts of Imitation in Latin Prose: Pliny's Epistles/Quintilian in Brief*. London: Cambridge University Press, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108688550>.

Recebido em: 25/09/2021

Aprovado em: 25/11/2021